

A Linguística e seus caminhos

Christiano Pereira de Almeida¹
Fernando Adão de Sá Freitas²
Laís Lagreca de Carvalho³

Pensar que a linguística surgiu como um trovão num céu sereno, seria um erro.
 (Mounin, 1968, p. 25).

A Linguística⁴, como se sabe, é uma das últimas ciências estabelecidas na era moderna. Seu estatuto epistemológico, seus aspectos metodológicos e suas agendas de investigação ganharam contorno e delimitação específica na virada do século XIX para o início do XX. Tais elementos estavam vinculados a um contexto histórico e intelectual que migrou da análise comparativa das línguas indo-europeias, cujas lições da filologia e da gramática comparativa já haviam alcançado um estágio avançado de considerações e publicações, para o estudo sistematizado e sincrônico das línguas. Por meio de Ferdinand de Saussure, erige-se a análise da língua (*langue*), e não da fala (*parole*), de modo síncrono, em vez do que vinha sendo feito até então: uma análise diacrônica, ou seja, histórica de uma língua. Enfim, a visão de linguagem descrita no *Curso de Linguística Geral* dará origem ao Estruturalismo saussuriano.⁵

Contudo, a história do pensamento sobre a linguagem não tem sua origem nos escritos e reflexões de Saussure, embora ele seja considerado o fundador da Linguística

¹ Doutor em Linguística – UFJF, e-mail: christiano.almeida@ufjf.br

² Doutor em Linguística – UFJF, e-mail: fernandosafreitas@gmail.com

³ Mestra em Linguística – UFJF, e-mail: laislagreca@gmail.com

⁴ Cf. Mounin (1968, p. 23): “consoante o ponto de vista em que nos situarmos, podemos dizer que a linguística terá nascido por volta do século V antes nossa era, ou em 1816 com Bopp, ou em 1916 com Saussure, ou em 1956 com Chomsky.”. Em pese as considerações de Mounin, uma vez que história da linguística, enquanto disciplina e teoria já tenham alcançado um “novo” patamar de reflexão, algumas de suas postulações ainda nos auxiliam a pensar como o saber linguístico foi pensado e desenvolvido ao longo do tempo.

⁵ Cabe-nos, neste ponto, fazer uma ressalva, pois o Estruturalismo também se desenvolverá na década de 1930 nos Estados Unidos, mas então sob a perspectiva de Leonard Bloomfield, como pondera Marcuschi: “o quadro epistemológico saussuriano vigorou para além de meados do século XX, inclusive na América do Norte, onde paralelamente se instalara a perspectiva bloomfieldiana, similar à de Saussure, mas filosoficamente menos elaborada. Pois é de ressaltar a qualidade da reflexão filosófica em Saussure, o que não ocorria em Leonard Bloomfield (1887-1949), um behaviorista despretensioso sob o ponto de vista epistemológico. Mesmo a contragosto do autor, as propostas saussurianas e suas derivadas culminaram num estruturalismo formal que levou a ignorar uma série de aspectos hoje considerados centrais na investigação linguística. Em especial, ignorou-se quase tudo o que estava ligado à semântica, à pragmática e historicidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 30).

como uma ciência na Modernidade. As reflexões sobre esse tema remontam a tempos distantes, como é possível notar, por exemplo, em obras como *Crátilo*, de Platão, em que o problema das relações entre a linguagem e a realidade é tematizado em um debate que explora as dificuldades trazidas tanto pelas abordagens convencionalistas quanto pelas naturalistas da linguagem.

Já na Antiguidade havia um grupo de filósofos que percebia o discurso como uma ferramenta usada não simplesmente para dizer as coisas, mas como algo que seria capaz de formar opiniões das mais diversas, sendo o discurso um grande soberano, como sugeriam alguns filósofos conhecidos como sofistas.⁶

Ciente dessas questões, Helena Martins (2011) lembra que as discussões sobre a linguagem dentro da Filosofia estavam, em um primeiro momento, atreladas à busca pela verdade. A autora sustenta que os paradigmas atuais no campo do significado linguístico - quais sejam, realismo, mentalismo e pragmatismo - estão presentes há bastante tempo na história da Filosofia. Assim, esse “pensamento linguístico” que surgia no mundo grego ocupava-se, no geral, com as relações entre linguagem, mundo e pensamento - mas com o objetivo de oferecer um critério de verdade para as proposições declarativas. Se, para Platão e Aristóteles (que podem ser relacionados ao realismo e ao mentalismo, respectivamente), haveria um critério de verdade que precederia os consensos, para os sofistas (relacionados ao pragmatismo), não haveria tal critério, de modo que os consensos precederiam a linguagem. Com estes pensadores, a concepção de linguagem que pretende dizer a verdade a partir de uma relação essencial entre língua e mundo é posta em dúvida: para a perspectiva sofística, a linguagem não diz o real, mas revela as opiniões dos homens, as quais geram consensos - que, por sua vez, seriam os responsáveis pela estabilidade da linguagem (MARTINS, 2011).

Para os sofistas, não há verdades essenciais, mas apenas discursos. Como exemplo dessa forma de considerar a “verdade”, lembremos de sofistas que ficaram

⁶ Martins (2011) destaca que os sofistas são marcados na história da filosofia como os “rivais” dos filósofos ditos “socráticos”. Ela adverte que, para compreender a contribuição de seu pensamento no que diz respeito à linguagem, é preciso “abandonar o estereótipo comumente associado aos sofistas, segundo o qual esses mestres de retórica e oratória que corriam as cidades com seus ensinamentos não passavam de indivíduos venais, destituídos de ética – inescrupulosos manipuladores da linguagem e das opiniões, interessados apenas em equipar os seus pupilos com técnicas eficientes para defender seus próprios interesses nas assembleias, onde se decidiam, pelo debate, as leis e os rumos dos acontecimentos civis em geral.” (MARTINS, 2011, p. 447). Essa visão gerou estereótipos que relacionam, comumente, a ideia de um discurso sofista como um discurso falacioso. Porém, a essa imagem vem se contrapondo outra que reconhece a contribuição intelectual dos sofistas como “filósofos e educadores, além de mestres de oratória e retórica, embora esse papel lhes seja negado, por exemplo, por Platão” (MARCONDES, 1997, p. 42; cf. também CASSIN, 1990).

famosos à época por discursarem na praça pública defendendo um dia um tópico e, no dia seguinte, aclamarem, com igual ímpeto, o inverso do defendido na véspera. Claro está que o posicionamento sofisticado nos coloca uma grande questão epistemológica: se duas explicações são tidas como verdadeiras a respeito de um mesmo fenômeno, o discurso revela mesmo a verdade sobre as coisas, ou, não sendo reflexo de algo imutável, constrói consensos dependentes de uma série de fatores para existir como “verdade”?

A perspectiva de linguagem sofisticada confere ao discurso um poder mesmo demiúrgico, conforme destaca Martins (2011), pois o discurso é capaz de “realizar os atos mais divinos”. Esse poder atribuído ao discurso demonstra a posição importante da linguagem conferida pelos sofistas às relações humanas. Como aponta Górgias, em *Elogio de Helena*,⁷ a linguagem é poderosa, capaz de realizar atos, de causar diversas emoções. Desse modo, percebemos que, para esses pensadores, a linguagem não serve simplesmente para dizer as coisas do mundo, mas sim para agir sobre ele, a ponto de modificá-lo.

Interessante pensar que, pós-Saussure, a ciência Linguística assistiu a uma avalanche de novas concepções e perspectivas de linguagem. Afinal, em que pese aquilo que o senso comum entende como sendo a prática científica, isto é, algo acabado e inalterável, ressalta-se, por outro lado, que a práxis científica lida com alterações, modificações - ou mesmo com o que Thomas Kuhn (2013 [1962]) relata como sendo uma “quebra / ruptura de paradigmas” devido às próprias transformações “naturais” sócio-históricas, que possibilitam ao pesquisador observar e procurar pistas novas e diferentes em seu objeto. Curiosamente, foi Saussure, em certo sentido, quem nos mostrou tal possibilidade quando disse que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1975[1916], p. 15).

Em um primeiro momento, a abordagem formal da língua e da linguagem, cujo quadro teórico privilegia os aspectos estruturais aos demais, parece ter sido responsável, em certo sentido, pela estabilização do objeto de análise da investigação linguística. Por sua vez, não tardaria a aparecer uma concepção de linguagem que buscava entendê-la

⁷ Em *Elogio de Helena*, Górgias coloca o discurso como uma das possíveis causas pelo que acontece à Helena, acusada de ser uma mulher adúltera, afirmando: “Mas se aquele que a persuadiu [...] foi o discurso, também não será difícil defendê-la contra esta acusação, e destruir a inculpação da seguinte forma: o discurso é um grande soberano que, por meio do menor e do mais inaparente dos corpos, realiza os atos mais divinos, pois ele tem o poder de dar fim ao medo, de afastar a dor, produzir alegria, aumentar a piedade” (GÓRGIAS, *Elogio de Helena*).

não apenas em sua forma ou estrutura, mas também em suas funções. Tem-se, aí, a divisão entre uma abordagem formal (formalista)⁸ e outra funcional (funcionalista)⁹ de linguagem. Dessa forma, se, de um lado, como destaca Moura Neves (1997, p. 40-41), “os formalistas estudam a língua como um objeto descontextualizado”, por outro, “os funcionalistas se preocupam com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social”.

Vemos então que a maneira de os sofistas conceberem a linguagem encontra reflexos no pensamento “pós-estruturalista” - ou, antes, na perspectiva de linguagem do filósofo alemão Wittgenstein. Este, em sua fase madura, rompe com a concepção tradicional e hegemônica que atribui à língua a função apenas designativa, e concebe o significado como uso. Nessa mesma linha de raciocínio, Martins (2011) acredita que o tratamento sofisticado conferido ao discurso antecipa algumas reflexões que viriam a ser estabelecidas por Austin - que, na contemporaneidade, defende a ideia de que “dizer é fazer” (AUSTIN, 1955).

Como é possível vislumbrar nas breves reflexões apresentadas acima, tanto as preocupações da Linguística quanto as mais diversas reflexões sobre a linguagem ao longo da história colocam em evidência os problemas que surgem quando tomamos esse tema como objeto de estudo. Nesse sentido, os avanços das ciências da linguagem têm sido muitos, possibilitando, em muitos casos, a exploração e o aprimoramento de nosso conhecimento a respeito dessa capacidade humana.

Os artigos que compõem esta edição da Revista Gatilho exploram, em sua maioria, fenômenos linguísticos que, de um modo ou outro, têm lugar na realidade linguística brasileira, marcada por um cenário de plurilinguismo. Este fenômeno remete à própria formação do país a partir da colonização portuguesa, sendo a sua história atravessada pelo contato de povos e línguas diferentes. Soma-se a isso a grande extensão territorial do país, permeada por falares regionais que apresentam grande variedade diatópica. Toda essa diversidade, portanto, conduz a um quadro de multilinguismo, marcado por variações regionais (diatópicas) e sociais (diastráticas) - e também de registro (diafásica). De fato, as variações diastráticas refletem as distinções sociais que perpassam a sociedade brasileira. Encontramos aí a questão do “preconceito linguístico”, pois alguns desses vernáculos são associados a classes sociais desfavorecidas e usados como motivo de discriminação social. Afinal, sabemos, como

⁸ Cf. Moura Neves (1997); Oliveira (2011).

⁹ Cf. Moura Neves (1997); Pezatti (2011).

linguistas, que a língua varia e muda constantemente, movimento esse que entra em choque com a “norma culta” registrada nas gramáticas.

Como dizíamos, os artigos que compõem este número da Revista Gatilho abordam, ao seu modo, alguns dos pontos tangenciados por este breve texto de apresentação. Assim, o artigo “Os desafios das traduções literária e não-literária: técnicas e soluções”, de Priscilla Pellegrino de Oliveira, trata dos desafios com os quais o tradutor se depara em traduções literária de ficção ou poética, e em traduções não literárias.

Em seguida, Eduarda Pacheco da Luz e Manuela Neves Ribeiro analisam semanticamente a expressão *flung out of space* em suas ocorrências na obra *Carol*, de Patricia Highsmith, levando em consideração as variações de significado de acordo com o contexto de fala e a influência da figuração no sentido final do enunciado no artigo “‘*My angel, flung out of space*’: expressão, sentido e contexto em *Carol*, de Patricia Highsmith”.

Na sequência, Cassiano Luiz do Carmo Santos e Daniele Cristina Campos, no artigo “Os valores semântico-pragmáticos de uso da construção de negação ‘de jeito nenhum’ no domínio discursivo jornalístico”, analisam e descrevem, sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, o uso da construção “de jeito nenhum” em textos pertencentes à esfera jornalística, buscando ampliar a compreensão sobre as motivações semântico-pragmáticas que levam ao uso dessa construção.

Em “Os interdiscursos em *A Redenção de Cam* (1895): contribuições para o ideal de mestiçagem no Brasil”, Ana Luiza Soares Cortes Silva, Késsia Noemia Ferreira de Moraes e Maira Guimarães, a partir da Análise do Discurso Francesa, realizam uma análise interdiscursiva da obra do título - *A Redenção de Cam* (1895) -, estabelecendo abordagens discursivas voltadas para os âmbitos raciais, religiosos e bíblicos.

O artigo “A identidade racial de Maria Firmina dos Reis: sob a perspectiva da Análise do Discurso Foucaultiana e Feminismos Decoloniais”, de Janayne de Oliveira, analisa sequência discursiva “mulher negra” problematizando as condições de possibilidade de aparecimento dessa expressão a partir do aporte teórico foucaultiano em diálogo com estudos ético-raciais em perspectivas decoloniais.

Em “O alerta sobre o coronavírus no YouTube: mobilidade empática e *pathos* na gestão dialógica de pontos de vista em confronto”, Marcos Filipe Zandonai, com base em Rabatel (2016a), verificar de que maneira tomadas de posição do divulgador científico Atila Iamarino, na sua gestão dialógica de pontos de vista (PDV), conduzem a

efeitos argumentativos de legitimação da ciência em um vídeo publicado no YouTube. Adota-se como objeto o episódio postado em março de 2020 intitulado *Live 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa*. À luz da teoria de Rabatel (2016a), o pesquisador analisa como a modalização das configurações de *prise en charge* modula e hierarquiza os PDV *a priori* antiorientados.

O artigo “*Bitch, she’s Madonna: traços transgressores na prática discursiva de Madonna*”, de Henrique Junior Soares Rondon, analisa, mobilizando a noção teórico-metodológica de *ethos* segundo Maingueneau (2006, 2008, 2020), elementos da prática discursiva da artista Madonna em uma de suas canções a fim de verificar a hipótese de que a artista apresenta um posicionamento transgressor no interior do campo musical.

Graziella Steigleder Gomes e Dháiele Santana Schmidt, no artigo “Videogames sob uma perspectiva bakhtiniana: entrelaçando dialogismo e ludologia”, estabelecem pontos de contato entre a teoria bakhtiniana e a ludologia buscando identificar como ocorre o dialogismo em videogames.

O artigo “Estudos linguísticos e argumentação: o uso do repertório sociocultural a favor da construção de argumentos na redação ENEM”, de Zacarias Oliveira Neri e Raíssa Martins Brito, fundamentando-se em Bakhtin (1992 e 2000), Charaudeau (2016), Garcia (2006), Koch (2016), Mata (2016), e Sacrini (2016), analisa os fatores que impedem os estudantes de realizarem uma argumentação efetiva no texto ENEM.

Sergiana Cortez de Abreu, no artigo “O sistema de transitividade e a resistência feminista aos discurso de ódio à mulher”, apresenta uma reflexão sobre estratégias linguístico-discursivas adotadas por feministas no combate aos discursos de ódios antifeministas. Para isso, a pesquisadora mobiliza os recursos teóricos do Sistema de Transitividade, de Halliday (1994), alinhando-os com a Análise do Discurso Crítica, de Fairclough (2001). Por meio da análise de recursos léxico-gramaticais, o artigo aponta como os discursos feministas representam o feminismo socialmente como um movimento empático e inclusivo, que luta pela liberdade e equidade entre os gêneros, o empoderamento feminino, além de meio de denúncia a práticas machistas e opressoras.

No artigo “Tá falando com quem? Estudo longitudinal sobre a intenção comunicativa veiculada pelas interrogativas na Fala Dirigida à Criança”, Júlia Fonseca Camilo e Fernando Andrade Guimarães, a partir de um estudo longitudinal, investigam qual seria a intenção comunicativa veiculada através do alto índice de interrogativas direcionadas a crianças em fase inicial da aquisição do Português Brasileiro.

Aline Milena Borges da Silva Dias e Carolina Anastácia de Souza Pedrosa, no relato intitulado “Cultura escolar, aprendizagem e prática docente: retratos de uma vivência educacional pandêmica em contexto de estágio supervisionado”, apresentam registros e reflexões acerca do cotidiano escolar vivenciado no cenário da pandemia, propiciando uma visão global dos eventos integrantes do ambiente escolar em um momento atípico de crise sanitária mundial.

No artigo “Inclusão na perspectiva da prática da cuidadora escolar”, João Marcos Messias Miranda e José Ribamar Lopes Batista Júnior apresentam uma pesquisa com foco nas práticas de cuidadoras em contexto de sala de aula. Baseando-se nos Novos Estudos do Letramento (STREET, 2015), com uma pesquisa qualitativa, buscam evidenciar os eventos de letramento que fazem parte da dinâmica interacional estabelecida entre cuidadora e pessoa com deficiência.

O artigo “Análise de chamada televisiva: multimodalidade e metafunções da linguagem”, de Douglas Vidal Santiago, tem como objetivo analisar as categorias das três metafunções da linguagem presentes na obra "A Gramática do Design Visual", de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), isto é, as metafunções representacional, orientacional e composicional, pela perspectiva da multimodalidade em uma chamada televisiva jornalística com a finalidade de relacionar os modos sógnicos com o valor social que trazem, além de observar em que medida os diferentes signos se articulam, explicitar os possíveis efeitos de sentido da integração de elementos de ordem verbo-visual, atentando-se para esses elementos, para o contexto sócio-histórico e para o propósito comunicativo do gênero em questão. Com o auxílio do *software* ELAN, propõe-se analisar a chamada para as edições especiais do Jornal da Cultura da retrospectiva 2020 a partir das anotações da correlação de diferentes sistemas semióticos das produções multimodais em movimento utilizando. Conclui, portanto, que a chamada televisiva de cunho jornalístico é um texto audiovisual bastante produtivo, bem como destaca importância da teoria sociosemiótica da verbo-visualidade corroborando-a.

“Isso é do tempo do bumba’: a variação semântico-lexical na mesorregião centro maranhense através de dados do ALiMA” é o artigo de Kristhian Matheus Pereira Sousa que reflete sobre a riqueza lexical do estado do Maranhão e visa evidenciar particularidades linguísticas maranhenses referentes a agentes, personagens e ações do convívio e comportamento social. O pesquisador destaca que o Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) acrescentou quinze questões à versão original do

campo convívio e comportamento social do Questionário Semântico-Lexical (QSL) elaborado pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A pesquisa embasa-se nos pressupostos teóricos da Dialetoлогия e da Geolinguística Pluridimensional desenvolvidos, sobretudo, por Cardoso (2010), Aguilera (2005, 2002, 1999), Ramos, Bezerra e Rocha (2010) e Razky (2010).

Daniela Souza, em seu artigo, “As estratégias de indeterminação do sujeito na construção de artigos de opinião no Ensino Fundamental: da norma gramatical à variação linguística” apresenta uma pesquisa de cunho variacionista com o objetivo de verificar quais estratégias de indeterminação são utilizadas por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na redação de artigos de opinião. A pesquisa fundamenta-se em Duarte (2007, 2013), Bravin dos Santos (2012) e Perini (2010, 2013), que consideram a existência de mais estratégias de indeterminação além das duas que a Gramática Tradicional define. Como resultado, a autora mostra que os estudantes fazem uso de um variado número de estratégias de indeterminação, além das referendadas pela tradição gramatical.

O artigo, de Ana Jackeline Pinheiro Porto, “A construção retórica de resumos de artigos publicados em periódicos de Qualis distintos”, analisa o modo de organização retórico em resumos de artigos produzidos por escritores de revistas de Qualis A1 e B5. Fundamente suas concepções em Swales (1990), Biasi-Rodrigues (1999), Bernardino e Valentim (2016), Motta-Roth e Hendges (2010), Oliveira (2019, 2020). A escolha do *corpus* de análise faz-se por meio de pesquisas nos *sites* Plataforma Sucupira e Periódicos Capes, com o propósito de delimitar para periódicos de Qualis A1 e B5 com publicações na área de Linguística. A autora destaca onze passos retóricos em sua análise.

Por fim, Kathia Alexandra Lara Canizares, a partir de uma intervenção didática, apresenta o relato de experiência intitulado “Léxico omaguá/kambeba (família tupi-guarani) em poema indígena: abordagem lexical numa aula de língua portuguesa”, em que busca verificar as contribuições do ensino sistematizado e intencional do vocabulário da língua omaguá/kambeba sob os princípios teórico-metodológicos da Abordagem Lexical.

O presente volume também conta com a resenha “Linguagem neutra: reflexões sobre língua, linguagem e gênero”, realizada por Arthur Marques de Oliveira e Juliana Marschal Ramos acerca do livro organizado por Gabriel de Ávila Othero e Fábio Ramos

Barbosa Filho *Linguagem “Neutra”: Língua e Gênero em Debate* (editora Parábola, 2022).

Antes de finalizarmos esta “extensa” apresentação, que se justifica, certamente, pelo número de artigos recebidos que estampam as várias páginas deste volume, podemos retornar, em certo sentido, à premissa que a abre, isto é, a de que a Linguística não surgiu em um céu sereno, e acrescentar que a sequência de reflexões erigidas após seu estabelecimento não diminuiu ou retrocedeu em nenhum aspecto - pelo contrário, os artigos aqui presentes dão notícia de que a ciência linguística se remodela, se espraia. Expansão que, como vimos, passa a estabelecer um diálogo com a literatura, com a teoria e a prática da tradução, com o multilinguismo, seja do ponto de vista “interno”, isto é, por meio de análise de línguas indígenas em território nacional, seja do ponto de vista “externo”, em que o linguista traz e coloca elementos da língua inglesa sob análise. Assim, a Linguística torna-se, cada vez mais, uma ciência que nos capacita a uma leitura crítica da sociedade - que, com suas novas formas de expressão, advindas de tecnologias como o videogame, a internet e suas plataformas, se remodela constantemente.

REFERÊNCIAS:

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Trad.: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1955].

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2015 [1993].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 16-30.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1962].

GÓRGIAS. Elogio de Helena. In: CASSIN, B. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira; Maria Cristina Franco Ferraz; Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005 [1995].

MARCONDES, D. Apresentação. In: AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Trad.: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1955].

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTIN, R. **Para entender linguística: epistemologia elementar de uma disciplina**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2003.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 09-14.

MOUNIN, G. **Introdução à Linguística**. 2ª ed. Tradução: José Meireles. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

MOURA NEVES, M. H. As duas grandes correntes do pensamento linguístico: funcionalismo e formalismo. In: _____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 39-50.

OLIVEIRA, R. P. Formalismos na Linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos, volume 3. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 219-250.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos, volume 3. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 165-217.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 1975 [1916].

SOUSA, S.; SOARES, M. E. Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil. **Revista de Letras**, v. 01, n. 3, p. 102-112, jan-jul. 2014.

WILSON, V. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 88-110.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 72-85.